



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Feirão da Casa Própria

São Paulo-SP, 28 de abril de 2006

Obs: Algumas perguntas inaudíveis não foram inseridas no texto, sendo apenas indicados os respectivos assuntos.

Jornalista: O que o senhor acha de um evento como esse para o setor da habitação no país?

Presidente: Primeiro, a Caixa Econômica Federal está de parabéns pelo Feirão. O Feirão tem sido um sucesso extraordinário. Vocês estão percebendo que as pessoas vêm aqui, se cadastram, podem procurar a casa na sua região. A Caixa Econômica está obtendo um sucesso extraordinário nas construções e na venda de casas para quem ganha até cinco salários mínimos, o que é uma coisa muito importante. Dos 18 bilhões e 700 milhões da Caixa, 10 bilhões são para construir casas para as pessoas que ganham até cinco salários mínimos; 8 bilhões e 700 para construir casas para as pessoas que ganham um salário como um jornalista ganha, um salário de classe média-média.

Então, eu acho que é uma novidade extraordinária da Caixa Econômica Federal. A Caixa Econômica, hoje, vive o seu melhor momento, ou seja, eu acredito que em nenhum momento da história a Caixa Econômica esteve na situação que está, tem muito dinheiro para financiar, os empresários estão felizes porque a construção civil está andando, os corretores estão felizes porque tem gente comprando casa e eu estou feliz porque eu sonho que um dia o Brasil não terá mais déficit habitacional.



Jornalista: O que o senhor espera do encontro nacional do PT que começa hoje?

Presidente: Eu não conheço a pauta do encontro ainda...

Jornalista: Mas o que senhor espera do seu partido?

Presidente: Eu espero que o PT esteja consciente de que ele vai entrar numa disputa eleitoral, de que nós precisamos construir uma política de alianças com todos os estados da Federação e que nós precisamos, como sempre, minimizar as disputas internas e enaltecer as disputas externas.

Jornalista: Que diferença tem uma eleição como essa, em que o senhor perdeu as pessoas que coordenaram a outra campanha, que participaram do governo do senhor, pessoas inclusive que compunham as alianças, como o ex-ministro José Dirceu, que foi cassado?

Presidente: Simplesmente nós vamos ter que arrumar outros coordenadores. E esse não é o problema porque teve muita gente que coordenou as minhas campanhas, ou seja, quem vai coordenar a campanha, como sempre, se eu decidir ser candidato, é o presidente do Partido, sempre foi e sempre será aquele que estiver coordenando o partido.

Jornalista: (Liberdade para alianças com PMDB)

Presidente: Não precisamos pedir liberdade, gente, nós temos que analisar o quadro político. Vocês estão percebendo que em política todo mundo dá muito palpite, porque parece que as coisas estavam definidas ontem, não estão; parece que vão ser definidas amanhã, não vão ser definidas amanhã. Nós



vamos ter que, com muita paciência, esperar o que vai acontecer no mês de junho. No mês de junho é que o quadro político vai estar definido, as alianças vão estar definidas e aí sim você tem que tomar as decisões que tem que tomar. Até lá o meu papel é viajar pelo Brasil, é inaugurar as obras que nós começamos a construir e governar o Brasil.

Jornalista: O senhor espera ter o Garotinho no seu palanque?

Presidente: Eu não espero nada. Veja, eu não posso ficar esperando quem é que vem para o meu palanque. Eu não faço acordo com pessoas, eu faço acordo com partidos políticos. Se o PT decidir fazer acordo com o PMDB, com o PSB, PCdoB, PL, PC, é com essas pessoas que nós vamos fazer a campanha, mas isso depende do partido. Eu tenho dito para o partido que eu não vou me definir por candidatura antes do prazo limite, que é o dia 30 de junho. Agora, o PT não pode ficar parado, o PT não pode ficar esperando eu me decidir, o PT tem que trabalhar, tem que costurar as alianças, tem que conversar com os outros partidos políticos. Enquanto o PT faz as articulações políticas, eu vou continuar fazendo o que eu estou fazendo: trabalhando.

Jornalista: Qual é a orientação do governo sobre a Varig, existe uma pressão política, e diz que não consegue nem pagar as taxas dos aeroportos?

Presidente: Veja, isso não é novidade. Há muito tempo que a Varig está numa situação muito complicada. Nós temos o Ministro da Defesa cuidando disso, nós temos a ministra Dilma Rousseff cuidando disso, nós temos o ministro Marinho cuidando disso, nós temos muita gente cuidando disso. O problema é que a Varig está numa situação muito difícil. Eu tenho dito publicamente que o governo não vai colocar dinheiro público, o que nós poderemos fazer é financiar a salvação da Varig, desde que a Varig cumpra o seu papel. A mim



agrada profundamente a proposta do juiz. Nós agora vamos trabalhar para ver se encontramos uma solução porque a Varig, como outras empresas no Brasil, virou uma espécie de paixão nacional. Mas essas coisas você não trata com o coração, essas coisas você trata com a racionalidade de uma empresa privada que tem problemas e que precisa encontrar a solução para os problemas de acordo com as leis de mercado.

Jornalista: Presidente, como é que o senhor viu o indiciamento do ex-ministro Palocci pela Polícia Federal?

Presidente: Eu acho que o indiciamento é o começo de um processo. O fato de alguém ser indiciado não prova que a pessoa é culpada, nem que a pessoa é inocente, prova que a pessoa tem agora, que resolver o seu problema no Poder Judiciário. Eu acho que essa é a tramitação normal de um país democrático, ou seja, você tem as instituições que funcionam, o Ministério Público faz a denúncia, a Polícia Federal faz a denúncia e você, então, vai se defender no Poder Judiciário. Esse é um processo normal da democracia brasileira que a gente tem que louvar porque isso foi uma conquista nossa.

Jornalista: (Ata do Copom/Guido Mantega e Banco Central)

Presidente: Primeiro não tem disputa entre o Guido Mantega e o Banco Central. Não tem disputa. Se alguém tem divergência com alguém, essa divergência será dirimida pelo Presidente da República, ou seja, nem o Banco Central está lá para divergir do Guido nem o Guido está lá para divergir do Banco Central. Eles estão para trabalhar e dar resultados positivos à sociedade brasileira.

Jornalista: Qual é a sua orientação?



Presidente: Veja, às vezes uma divergência política aparece na imprensa como se fosse uma guerra e é uma simples divergência política. Graças a Deus, nós somos um país em que podemos ter pontos de vista diferentes sobre várias coisas. De vez em quando eu fico vendo as pessoas tentarem adivinhar quanto é que vai ser o crescimento da economia, quanto é que vai ser a taxa de juros e as coisas estão acontecendo. É a sétima queda de juros consecutiva, os juros vão continuar caindo, a situação econômica está sólida, o país está crescendo, o salário está aumentando, o salário mínimo aumentou. É isso que interessa para o povo brasileiro, ele está comprando mais, está comendo mais. Veja, o sucesso de um Feirão como este demonstra que uma parcela da população tem recursos para vir aqui procurar uma casa para comprar.

Jornalista: Entre essas duas posições, qual é a sua, Presidente?

Presidente: Veja, primeiro eu não conheço as posições e não tem que ter duas posições, tem que ter uma posição. Qual é a posição? É a do governo. E o Banco Central se enquadra, o Ministério da Fazenda se enquadra, eu me enquadrado e todo mundo trabalha tranqüilo e vive tranqüilo. Veja, não se trata de posição do governo, trata-se de uma posição da sociedade brasileira. Nós conquistamos as condições para reduzir as taxas de juros e elas estão acontecendo. Nós estamos com um olho na inflação e com um olho na queda de juros. Obviamente que a responsabilidade de reduzir os juros não é apenas do Banco Central. O Banco Central persegue uma meta de inflação que o governo determinou na LDO. Agora, o governo tem que ajudar também, o governo tem que gastar corretamente, o governo precisa ver quais são os setores que estão exagerando no preço.



Se nos anos passados os preços administrados foram responsáveis pela alta taxa de inflação, agora não são mais porque os preços administrados estão definitivamente administrados e estão numa situação boa.

Jornalista: Sobre o mal-estar com a Bolívia, Presidente, com a questão do presidente Evo Morales, que não tem tomado posições que favoreçam os investimentos brasileiros lá, especialmente da siderúrgica?

Presidente: Eu não discuto problemas internacionais pela imprensa. Quero pedir desculpas a vocês, mas eu pretendo conversar com o presidente Evo Morales. Acho que o Evo Morales acabou de ser eleito, ele está com um governo muito novo, ou seja, ainda tem muita coisa para acontecer na Bolívia. A Bolívia vive uma situação de pobreza muito grande, é justo que o Presidente da Bolívia defenda os interesses de melhorar a qualidade de vida do seu povo. Agora, as divergências internacionais, podem ficar certos que nós nos sentaremos à mesa e iremos resolver o problema. O Evo Morales é um presidente eleito por representação da maioria do povo da Bolívia, é um índio que chegou ao poder, isso é uma coisa extraordinária, e ele precisa falar aquilo que ele entenda que deva falar para o povo dele.

Com relação às empresas brasileiras, eu não conversei ainda com os empresários, não conversei ainda com a Petrobras, não conversei com os donos da siderúrgica, não conversei com o Evo Morales, até porque ninguém até agora procurou a Presidência da República. Na hora em que as pessoas procurarem, nós vamos sentar e podem ficar certos que será resolvido porque, na minha mesa não fica uma pendência por muito tempo, sobretudo quando se trata de fazer acordo. Eu digo sempre o seguinte: eu até agora, estou terminando o meu mandato, e não briguei com ninguém. Quando eu tomei posse diziam que eu ia brigar com os Estados Unidos. Eu nunca briguei com os Estados Unidos, temos uma relação extraordinária. Por que eu iria brigar com o



Evo Morales? Por que eu iria brigar com o Kirchner? Por que eu iria brigar com o Chávez? Não. Se tem divergências nós temos que sentar numa mesa e fazer acordo. É assim que nós vamos resolver o problema.

Eu não quero é que o Brasil perca agora, eu não quero que o Brasil tenha nenhum problema nesse mar de tranqüilidade que estamos vivendo. Há uma situação privilegiada do Brasil, eu estou dizendo para vocês que o Brasil entrou definitivamente numa rota de crescimento, será um ciclo de crescimento de longo prazo, a inflação vai estar controlada este ano, 90% dos acordos salariais são feitos acima da inflação, o que há muito tempo não acontecia no Brasil. Acho que até o sindicato dos jornalistas vai fazer acordo acima da inflação, o que vai ser bom...

Jornalista: (Gasoduto)

Presidente: É viável. Veja, é um projeto extraordinário. Certamente, se nós concluirmos o projeto, será o projeto do século, porque é um gasoduto de quase 9 mil quilômetros, é um gasoduto que pode resolver os problemas energéticos de toda a América do Sul, mas não é um gasoduto que nós temos que lançar de forma precipitada, nós temos que ver primeiro a viabilidade do projeto, depois a viabilidade econômica e o que a gente vai construir em torno desse gasoduto. Eu não acho que a Bolívia tem que participar porque a Bolívia não só é parte fornecedora do gás, como a Venezuela, então nós precisamos trabalhar juntos, ou seja, na minha opinião nenhum país deve ficar de fora. É um gasoduto que eu acho que nós deveremos concluir mais ou menos até o mês de julho ou agosto, nós vamos ver todas as viabilidades econômicas, todas as coisas boas, as coisas ruins do projeto para que quando nós anunciarmos, a gente já tenha inclusive financiamento para esse gasoduto que é uma obra vultosa, mas também uma obra que vai dar uma independência energética para a América do Sul como nunca tivemos.



Jornalista: Presidente, o senhor acha que tem que ter prévia por São Paulo para escolher o candidato ao governo do estado?

Presidente: Gente, já está decidido isso. Eu acho que a prévia não é uma coisa totalmente ruim, é um instrumento democrático. Eu acho que é mais democrático... a prévia é mais democrática do que no tempo em que a gente ia para uma convenção e tinha cadeirada, tinha murro para tudo quanto é lado. Ou seja, a prévia é um momento em que você coloca todos os simpatizantes, militantes, para votar. O voto é secreto, é uma coisa extraordinária.

Veja, eu tenho candidato mas como o voto é secreto...

Tchau, gente.